**RELIGIÃO E GÊNERO: UM BREVE RELATO DA RELAÇÃO ENTRE ESTES MARCADORES NA HISTÓRIA.**

Ana Margareth Manique de Melo

Mestranda em Ciências da Religião

Universidade Católica de Pernambuco/Recife/PE/Brasil

[anamelo14@hotmail.com](mailto:anamelo14@hotmail.com)

**Resumo**

*Este artigo teve como interesse estudar diferentes entendimentos sobre os marcadores gênero e religião. Buscou seus entrelaçamentos, não apenas como referenciais para a convivência social, mas, principalmente, como possíveis relações desenvolvidas, a partir deles, na construção da singularidade de cada ser humano. Com o objetivo de analisar e confrontar alguns pontos de vista, necessário se fez desenvolver interface com pensadores de diferentes campos de estudo, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento do ser humano. A realização deste artigo se deu através do método de pesquisa bibliográfica. Como se dá a relação entre gênero e religião? Na construção e articulação dos marcadores, constatou-se a escassez de pesquisas que se tangenciassem. Constatou-se existência de discriminação e exclusão por parte de religião e de religiosos cristãos às pessoas LGBTTIs. Embora protestantes e católicos tenham quase sempre a mesma postura, as motivações e justificativas são diferentes. O movimento feminista é apontado, por alguns estudiosos, como aquele de suma importância para que alguns paradigmas que davam suporte a esses comportamentos de exclusão fossem rejeitados. Porém, dentro do próprio movimento há pontos de vista divergentes. Boa parte dos estudiosos do fenômeno de exclusão sofrido por pessoas LGBTTIs, praticado por religiosos, entendem que isto é uma forma de manutenção do patriarcado e da heteronormatividade como sistema de poder. Em outro polo, existem aqueles que descrevem uma espécie de cegueira existente em alguns membros do movimento feminista, ao negarem a relevância da religião para o empoderamento e libertação das mulheres religiosas.*

**Palavras-chave:** gênero. religião. empoderamento.

**Abstract**

*This article had as interest to study different understandings about markers gender and religion. He sought their entanglements, not only as references for social coexistence, but, mainly, as possible relationships developed, from them, in the construction of the singularity of each human being. In order to analyze and confront some points of view, it was necessary to develop an interface with thinkers from different fields of study, with the aim of contributing to the development of the human being. The accomplishment of this article occurred through the method of bibliographic research. During the search for material for the construction and articulation of the markers, the shortage of researches that somehow became tangential. However, it was possible to acknowledge the existence of discrimination and exclusion on the part of religion and Christian religious to LGBTTIs people. Although Protestants and Catholics almost always have the same attitude, the motivations and justifications are not the same. The feminist movement is pointed out, by some scholars, as the one of paramount importance so that some paradigms that gave support to these behaviors were rejected. However, within the movement itself there are different points of view. Most scholars of the phenomenon of exclusion suffered by LGBTTIs people, practiced by religious, understand that this is a way of maintaining patriarchy and heteronormativity as a system of power. At another pole there are those who describe a kind of blindness on the part of feminists in denying the relevance of religion to the empowerment and liberation of religious women.*

**Keywords**: gender. religion. empowerment.

**1 INTRODUÇÃO**

Gênero e religião. Dois campos de estudo complexos, que são referenciais para a vida em sociedade. A partir deles e do entendimento que cada pessoa os dá, é possível identificar quais valores são utilizados para vivenciar as diversas situações e desenvolver-se na vida. Assim como, proporcionam a possibilidade da revelação de qual compreensão de mundo possuem, seus desejos, seus medos, os aspectos emocional e psicológico, entre tantos outros que constituem a singularidade de cada ser humano.

Estes temas, pela magnitude e importância que possuem, têm sido motivo de grandes debates e reflexões por estudiosos da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, que buscam, cada uma a partir de seu campo de pesquisa, identificar conflitos e caminhos viáveis para dirimi-los, proporcionando assim, possíveis construções para novas relações.

Pensando desta forma, há movimentos constituídos, por pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, em situações constrangedoras, causadoras de sentimentos de menos valia, que sofrem discriminação, intolerância, agressões verbal e/ou física, entre outros dissabores; os grupos formados têm como objetivos acolher o sofrimento causado pelas atitudes citadas e apresentar algumas formas de enfrentamento e empoderamento.

Apesar de ser um tema diretamente associado ao desenvolvimento e convívio do ser humano em sociedade, pouco se escreveu sobre a relação gênero e religião.

Estudar este tema é no mínimo instigante. Leva-nos a refletir sobre as possibilidades de estar e ser no mundo, levando em consideração esses marcadores, como pilares da construção do ser humano, enquanto ser biopsicossociocultural.

Como se dá a relação gênero/religião em sentido macro/micro?

Este estudo buscou contribuir com diferentes entendimentos, no intuito de auxiliar de alguma forma, a ciência em sua busca de melhor compreensão do ser humano, respeitando as singularidades.

A autora Eisler (2008), mostra-nos em sua obra “O Cálice e a Espada: nossa História nosso futuro”, alguns ‘como’ e ‘porque’ o poder feminino foi negligenciado. Quais os interesses e os interessados em que isso ocorresse, e ainda ocorra. Descreve como a cultura ocidental vivencia uma relação conflituosa entre gênero e religião.

Dalgalarrondo (2008) busca demonstrar como se dá a religiosidade associada a grupos etários, gênero, sexualidade e personalidade. Descreve pesquisas realizadas por outros autores e seus achados, com o objetivo de auxiliar na compreensão dessas relações.

Os estudos dedicados ao presente tema são escassos, e em sua maioria tendem a desenvolver a visão da religião como poder alienante em relação às questões de gênero. Nunes (2015) defende a ideia da não polarização, nos propondo refletir, de modo a não tender para sub ou superestimar a religião e seu papel.

Desta forma, abre-se a possibilidade da religião ser vista como um caminho para o empoderamento feminino dentro das estruturas hierárquicas religiosas (SARDENBERG, 2015).

Com isto exposto, este trabalho teve como objetivo geral levantar pensamentos de diferentes autores e as teorias desenvolvidas com enfoques diferenciados sobre o tema. Como objetivos específicos analisar e confrontar a bibliografia utilizada, buscando proporcionar reflexões, capazes de auxiliar na construção de uma nova forma de ver o outro, de modo a proporcionar mais compreensão e menos discriminação.

**2 MÉTODO**

Para a construção deste trabalho, a pesquisa bibliográfica foi utilizada como método. Gil (2010) descreve este tipo de método como aquele que busca informações através de publicações realizadas em livros, teses e/ou jornais. Considerando que na atualidade, também é possível obtê-las através de CDs e no campo virtual.

Ainda segundo este autor, a pesquisa bibliográfica é capaz de auxiliar na análise de vários autores e seus pontos de vista, na composição da fundamentação teórica.

Para este trabalho em especial, a pesquisa deu-se em livros, tese, artigos publicados em periódicos e na Internet.

**3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

**3.1 Gênero**

Para proporcionar o entendimento do que vem a ser gênero, Scott (1995) o descreve como um marcador social, onde as relações de poder são estabelecidas a partir das diferenças percebidas entre os sexos. Para isso, leva em consideração a relação entre determinados elementos, como: simbólico, normativo, institucional e identidade subjetiva. Os quais argumenta que não operam em simultaneidade, mas necessariamente entrelaçados. Acrescenta que gênero é uma forma constante de possibilitar a significação do poder no ocidente, mais diretamente nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. Coloca, ainda, que este não é o único campo em que o poder é articulado.

Corroborando com este entendimento sobre gênero, Rocha (2008) nos diz que podemos diferenciar sexo de gênero quando entendemos aquele como identidade biológica-genética, e este como uma identidade construída, adquirida e designada culturalmente, através das diversas formas em que cada sexo pode e deve expressar-se, sentir e desenvolver-se.

Como tema complexo que é, Azerêdo (2010) enfatiza que no momento em que se busca conceituar gênero, quase sempre isto implica encrenca, coloca-se contra a atitude de domesticá-lo, ou seja, colocá-lo em lugar do que já é conhecido. Sugere que se leve em consideração o processo de individuação inerente a cada ser, assim como também a esfera política em que está inserido.

Ramires (2008) explica que apesar de gênero e sexualidade estarem imbricados, necessária se faz uma distinção entre as duas categorias. Refere-se à sexualidade como algo que todo ser humano possui, ou seja, um corpo sexuado, como herança genética. Trata-se de uma energia que direciona as pessoas durante sua existência, desde o nascimento, contribuindo para o desenvolvimento de suas relações social, familiar, afetiva e erótica. Entende que a sexualidade não deve ter como único objetivo a procriação. Defende a ideia de que também deve ser entendida como fonte de prazer.

**3.2 Religião**

Dentre tantas definições de religião, Rocha (2008) nos fala como algo que pode nos trazer força, capacitando-nos a inovar nossos comportamentos e superar possíveis situações difíceis, ou seja, como uma espécie de suporte. Além de reforçar normas, impor controles e modos de homens e mulheres desenvolverem suas vidas.

Para complementar o que vem a ser religião, Alves (2012) refere-se a algo que é capaz de falar sobre o sentido da vida, enfatiza o valor desta e a possibilidade da felicidade, trazendo em seus ensinamentos regras e caminhos para alcançar este objetivo. Seria este o principal motivo para que a fascinação por ela se perpetue desde o início da formação de grupos humanos, os quais são descritos como as primeiras sociedades, estendendo-se até a contemporaneidade.

Ainda segundo este autor, a ciência, como outro pilar de nossa construção, nos remete a um mundo em formato glacial e mecânico, onde as significações humanas e o amor não são levados em consideração para elaboração de possíveis respostas às dúvidas que trazemos: quem somos, de onde viemos, para aonde vamos, qual sentido da vida.

Mol (1976, *apud* DALGALARRONDO, 2008) nos fala de outra forma, da importância psicossocial da religião. Defende que esta tanto fornece maneiras aceitáveis para a vida e seus conflitos entre pecado e salvação, como também proporciona sustentação identitária, principalmente para as pessoas menos favorecidas e excluídas na sociedade.

**3.3 Entrelaçamento dos marcadores Religião e Gênero**

A religião judaica, ao separar-se das religiões politeístas, passa a dispor de modo diverso a respeito de sexualidade e amor, excluindo mitos e ritos sexuais. Por tornar-se monoteísta, associa à imagem de Deus o masculino, consequentemente determina o distanciamento entre a mulher e o divino, tornando concreta sua submissão (LIMA, 2010 *apud* TIRADENTES, 2016).

Entendendo esses posicionamentos e vivências como construção social, Eisler (2008) nos remete a uma parte da história da humanidade. Descreve que ao se realizar uma leitura da Bíblia judaico-cristã, é possível encontrar evidências de determinada ordem social escrita e mantida, ao longo de muitos séculos, na qual havia a imposição de regras geradoras de um sistema de dominação econômica e social exercido pelo homem. As leis que compunham o Antigo Testamento colocam as mulheres como propriedade privada do homem. Primeiramente ao pai, em seguida do marido ou senhor.

Ainda segundo esta autora, apesar da postura adotada, entende que de modo algum, deve-se pensar que a religião dos antigos hebreus ou mesmo o judaísmo, são responsáveis pela imposição de uma ideologia de dominação.

Acrescenta, Tiradentes (2016) que em leituras realizadas sobre o catolicismo, o qual possui como base de sustentação de seus dogmas, o cristianismo, percebe-se que este incorporou muito dos preceitos judaicos, trazendo para o Novo Testamento imposições como parâmetros morais para a convivência social. Aderiu à proibição de relações homossexuais, já que esta não tem como finalidade a procriação, passa a ser vista, portanto, como desviante e nociva; tornou natural a submissão da mulher ao homem, assim como as relações heterossexuais monogâmicas.

Eisler (2008) ao reportar-se ao Novo Testamento, coloca que a leitura sobre Maria Madalena, é capaz de demonstrar que esta ao agir como prostituta, realizou a violação da lei androcrática fundamental de submissão sexual ao marido ou senhor. Argumenta que há evidências, que Maria Madalena tornou-se líder, em seguida à morte de Jesus, do que veio a ser chamado de movimento cristão inicial. Acredita que as duas personalidades comungavam de valores mais femininos, substituindo dominação e desigualdade, referenciadas como valores masculinos, por compaixão, responsabilidade e amor. Demonstrando que a diferença entre feminino e masculino já se fazia presente naquele momento da História.

Nesse sentido, buscando entender como se dá a manutenção desses valores fortemente associados à religiosidade, e ainda entendidos como pertencentes, em sua grande maioria, às mulheres, Dalgalarrondo (2008) aponta-nos como possibilidade os processos de socialização das meninas e os papéis direcionados às mulheres. Isso justificaria a forma diferenciada para a criação, pois As meninas de uma forma geral, seriam educadas para serem mais passíveis e submissas, para exercerem atividades gerais, mas principalmente, para cuidar e educar. Por conseguinte, ao tornarem-se adultas, e encontrarem-se na função materna, transmitiriam os mesmos valores morais aos seus filhos, perpetuando a diferenciação entre direitos e deveres, atitudes e posturas vivenciadas por mulheres e homens.

Em contrapartida, estudo realizado por Thompson (1991, *apud* DALGALARRONDO, 2008) no qual foi utilizada a escala de feminilidade/masculinidade, foi possível constatar que as pessoas que obtiveram maior escore com a feminilidade, também têm maior religiosidade, independente de gênero. Demonstrando que apesar de alguns valores, como o citado, serem associados ao que se entende por gênero feminino, não devem ser determinantes, nem excludentes. Justificando desse modo, o posicionamento de alguns estudiosos ao descreverem a religiosidade como inerente ao ser humano.

Os paradigmas de gênero e suas implicações, não só na esfera religiosa, mas na sociedade, enquanto lugar de construção de identidade, começam a ser questionados e refletidos, com maior completude e visibilidade, a partir do movimento feminista. Os membros desse movimento observaram que as diferenças sexuais traziam desigualdade entre homens e mulheres, quando utilizado como base o componente biológico e seus respectivos papéis, ou seja, referencias do que é ser homem e do que é ser mulher, designando assim direitos e poderes diferenciados. (RAMIRES, 2008).

Embora alguns posicionamentos do protestantismo sejam semelhantes ao catolicismo, por possuírem a mesma essência religiosa, ou seja, o cristianismo, divergem em seus argumentos quanto às justificativas para o posicionamento de rejeição ao comportamento sexual homoafetivo. Desta forma, é vista como obra do inimigo, uma atitude pecaminosa assessorada pelo demônio. Esta lógica justifica sua reprovação, necessitando inclusive, da expurgação de todo e qualquer vestígio de entidades espirituais demoníacas, além da orientação para o total abandono das práticas homossexuais (TIRADENTES, 2016).

Esta mesma autora, aponta o catolicismo como uma religião dominante no ocidente, que pretendeu através de seus dogmas, impor certos costumes e regras para organização da sociedade, nos quais a diversidade inerente aos seres humanos não poderia fazer parte. A justificativa deste posicionamento por parte dos membros desta religião se dá pelo fato de entenderem que a homossexualidade vai de encontro ao seu código de conduta moral, colocando em risco o bom comportamento social. Neste sentido, a homossexualidade é vista como comportamento nefasto para a sociedade.

Depois de expostas algumas colocações sobre os marcadores, Nunes (2015) ao colocar-se na discussão deste tema, descreve a necessidade da religião não ser estudada a partir de extremos. De um lado a superestimação da religião, como o fator principal e único na vida da mulher, e desta forma, a pessoa religiosa passa a ser vista como um ser alienado e necessitado de libertação. Sob este prisma, a submissão da mulher está diretamente ligada à religião como instituição e dogma. Esse tipo de visão a respeito das mulheres religiosas é descrita pela autora como excessivamente superficial, e em alguns momentos negativa.

Em contra partida a este entendimento, a mesma autora, nos diz que a religião não é vista/analisada/considerada como um fator (multifacetado) na vida das mulheres. Ou seja, não é capaz de proporcionar empoderamento, sustento e consolo. É vista de modo subestimado. Porém, apenas como referencial, é sabido que as primeiras feministas, motivadas por fé em um deus que fosse capaz de trazer igualdade e liberdade para os seres humanos, enxergaram na religião um caminho para alcançar seus ideais.

Por isso, a autora entende que existe uma espécie de cegueira por parte das feministas da atualidade, ao não se aperceberem que em determinado momento, algumas mulheres que comungavam dos mesmos objetivos, enquanto movimento libertador e conscientizador, utilizaram-se da religião, apesar da necessidade de enfrentamento de sexismo e da misoginia. Defende que a secularização não é um caminho seguro para a obtenção daqueles ideais. Sugere que deve haver uma visão realista, capaz de considerar tanto o peso do sexismo religioso-teológico como a longa história de lutas contra ele. Lutas registradas na história das mulheres e feministas religiosas.

Pensando dessa forma, Leonardi (2015) propõe uma reflexão: o que dizer, então, a respeito de mulheres que, apesar de serem religiosas, também ocupam altos cargos em empresas? Para aquelas, a religião pode representar um espaço de emancipação e reflexão, que de alguma forma auxilia na busca pela conquista da autonomia sobre sua vida.

O mesmo autor sugere que sejam desenvolvidas mais pesquisas que abordem a relação entre o grau de pertencimento a uma religião e sua presença em empresas. Assim como, até que ponto uma religião pode influenciar, diferenciando e distinguindo pessoas e cargos.

Mas, o que é entendido como empoderamento? Sardenberg (2015) o descreve como um processo, capaz de levar a conquista de autonomia e autodeterminação, no plano individual. E em este ocorrendo, provoca aumento de força política e social das mulheres, enquanto grupo desfavorecido de poder. Por isso é visto não apenas como um fim em si mesmo, mas também como um instrumento/meio. Como força de empoderamento, de conscientização da necessidade de algumas mudanças, esta autora cita tanto as ativistas feministas quanto a Igreja Católica, na perspectiva da teologia da libertação.

Observa que de modo geral, as mulheres participam das funções paroquiais, proporcionando sentimentos de pertença e relevância neste contexto, mas ainda sem direito ao sacerdócio e às instâncias decisórias.

Nas igrejas neopentecostais, há algumas diferenças. As mulheres estão participando, não apenas em número, mas também na estrutura hierárquica, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), mesmo que seja com um pastorado subalterno. Apesar disso, Machado (2005, *apud* Sardenberg, 2015) nos diz que as lideranças das religiões evangélicas não estão afinadas com o feminismo. O objetivo dessas mulheres, enquanto militantes políticas, refere-se à manutenção das estruturas patriarcais, obtidas a partir de candidatos às eleições, os quais são ligados à fé evangélica. Ou seja, embora a participação das mulheres em diferentes religiões ocorra, não há efetivamente mudanças no que se refere a direitos civis, sociais ou políticos capazes de beneficiá-las de alguma forma.

Ao realizar o deslocamento da esfera individual para a esfera política, Vaggione (2015) corrobora com o pensamento acima e nos fala sobre a influência do que se entende por religioso, como um dos pilares de construção cultural e política, e como responsável pela manutenção do patriarcado e a heteronormatividade como sistemas de poder. Desta forma, percebe que este é um dos motivos pelos quais, no movimento feminista, há certa aceitação da teoria da secularização, já que esta defende que as religiões devam ser retiradas do campo político.

Sendo assim, na busca da manutenção de valores como o patriarcado e todos que de alguma forma corroboram, é possível identificar que algumas religiões dificultam o exercício da religiosidade. Isto fica explícito quando Duarte (2013) nos diz que a homossexualidade está envolta em uma espécie de tensão do catolicismo com a sexualidade, na qual contribuiu para o surgimento de discursos religiosos, que classificam homossexuais como pessoas inferiores moralmente, além de apontá-las como risco para a sociedade.

Descreve ainda, que em revisão realizada em estudos que possuem como tema a articulação entre homofobia e religião, enquanto marcadores, é visível a existência de crenças e discursos cristãos conservadores como discriminatórios e excludentes.

Este mesmo autor constata uma espécie de complexificação deste cenário social ao identificar, como forma encontrada para enfrentamento à rejeição religiosa, direcionada à diversidade sexual, como grupos minoritários, a criação das igrejas inclusivas.

**4 CONSIDERAÇÓES**

Ao finalizar esta pesquisa, a inquietação que o tema remete, potencializou-se. Foram conhecimentos adquiridos que proporcionam reflexões a partir de diferentes pontos.

A História revela que a possibilidade do ser humano agir de modo manipulador com a intenção de direcionar seus pares, sempre esteve presente. Esse “controle” ocorreu e ocorre, realizado quase sempre por uma minoria, que de alguma forma consegue manter-se no comando.

É preciso observar que a partir do nascimento, necessariamente todos estão inseridos em uma espécie de organização “imaginada” preexistente. Desta forma, na maioria das vezes, ocorre um encaixe no contexto, o qual funciona como uma espécie de molde, onde se desenrola a vida.

Foi perceptível entender que as Religiões contribuem para a construção e manutenção dessa organização “imaginada”. Através de seus dogmas, buscam direcionar o comportamento, inclusive no que se refere à hierarquia de gênero, ao sistema binário e aos privilégios masculinos. Pregando a partir da referência divina, o patriarcado como sistema social, cultural e político.

Em contrapartida, não se pode negar as contribuições, para alguns, no auxílio da conquista e manutenção da integridade psíquica.

Como já mencionado anteriormente, houve épocas em que a mulher era vista como propriedade masculina. Quase que de modo cronológico, primeiramente o pai exercia essa posse, em seguida o marido ou irmão, confirmando a hegemonia do poder patriarcal.

Porém, neste estudo não foram identificas justificativas plausíveis para o que alguns pretendem defender como divisão natural entre masculino e feminino, e seus respectivos atributos. Já que em sua maioria, não possuem base biológica, mas valores culturais, políticos e jurídicos, os quais são construídos socialmente.

É possível citar como exemplo, a capacidade de gerar outro ser humano, inquestionavelmente realizada pela mulher, podendo esta ser comprovada biologicamente como uma diferença real entre homem e mulher. Porém, este fato em si, não a impede ou limita a outras práticas, como: eleger e ser eleita, dirigir grandes empresas, frequentar universidades e ser referência acadêmica nas diversas áreas de estudo e pesquisa existentes, entre outras possibilidades.

Enfim, entende-se que os limites são estabelecidos e implantados na organização “imaginada”, pelos interessados na continuidade desta forma de sociedade.

Seguindo este raciocínio, foi observado que há, por parte dos religiosos cristãos, persistência em usar a heteronormatividade como único paradigma natural. Mas, o que poderia ser conceituado como “natural” e “não natural”?

O entendimento teológico do que vem a ser natural constituísse pelo entendimento de que Deus foi o criador da natureza e, por conseguinte do corpo humano. Seus órgãos possuem propósitos determinados e previstos por Ele.

Caso haja o entendimento que o corpo humano, durante as últimas centenas de milhões de anos, não passou por modificações, subentendesse a afirmação que, enquanto espécie, não houve modificação ou não foi desenvolvida a capacidade de adaptação para que os órgãos pudessem ter outras formas de uso e outras funções.

Por exemplo, a boca, usada anteriormente para ingerir alimentos, com a evolução, passou a ser instrumento de comunicação, ou seja, a fala. De modo análogo, é possível a reflexão sobre a evolução da sexualidade, ao se reformular a ideia de que esta possui como única função “natural”, a procriação.

Nesse caso, voltasse para os papéis a serem desenvolvidos pelo homem e pela mulher, enquanto comportamento social, como desígnio cultural. Consequentemente, estariam implícitos o que viriam a representar ser masculino e feminino, ficando claro que esses paradigmas sofrem variações de uma sociedade para outra.

Esta visão corrobora com a ideia de que o homem deve sentir-se atraído apenas por mulheres.

Os que comungam deste ponto de vista, não o entendem como preconceito cultural, mas como algo “naturalmente” biológico.

Percebeu-se que as religiões cristãs, através de seus discursos homofóbicos e preconceituosos em relação aos que não se enquadram ao referencial de “natural”, e por considerarem-se mediadoras na relação com Deus, findam por minar a autoestima e o contato genuíno com o numinoso, das pessoas que, enquanto seres humanos e desejosos de pertencimento a uma determinada fé, se vêm excluídos.

Necessário que haja maior interesse no desenvolvimento de pesquisas com este tema, objetivando o empoderamento das pessoas que se sentem, muitas vezes isoladas, acarretando sofrimento psíquico e impossibilitando que vivenciem sua singularidade existencial enquanto ser humano, entendendo que a relação com o Sagrado, muitas vezes também perpassa pela necessidade em responder as grandes inquietudes da vida.

**REFERÊNCIAS**

ALVES, Rubem. **O que é religião.** 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

AZERÊDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. **Revistas Estudos Feministas,** Florianópolis**,** v.18, n.1, p.175-188, jan-abril, 2010.

DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, Psicopatologia e Saúde Mental.** 1. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. NATIVIDADE, Marcelo. Desejo à diferença – à guisa de prefácio. In: NATIVIDADE, Marcelo. **As novas guerras sexuais:** diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013. p. 7-15

EISLER, Riane. **O Cálice e a** Espada**:** Nossa História, nosso Futuro. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

LEONARDI, Paula. Campo de estudos de gênero e religião: avanços, tensões e desafios. In: ROSADO, Maria José. **Gênero, feminismo e religião:** Sobre um campo em constituição. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 283-287.

RAMIRES, Lula. Anais de Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. **DIREITOS HUMANOS E POLÍTICAS PÚBLICAS:** o caminho para garantir a cidadania LGBT. Brasília – DF, 2008.

ROCHA, Maria José Pereira. Gênero e religião sob a ótica da redescrição. **Revista da Abordagem Gestáltica.** v. XIV, n. 1, p. 102-108, jun, 2008. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v14n1/v14n1a15.pdf Acesso em: 13 jun. 2017.

SARDENBERG, Cecília M. B. Gênero, Religião e (des)empoderamento de mulheres: o caso de plataforma, Bahia. In: ROSADO, Maria José. **Gênero, feminismo e religião:** Sobre um campo em constituição. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 179-191.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade,** Porto Alegre, v. 20, n.2, p.71-99, jul/dez, 1995.

TIRADENTES, Adrielly Francine Rocha. **Direito, religião e orientação sexual:** os paradoxos ao reconhecimento da família homoafetiva. Pouso Alegre – MG: FDSM, 2016. Disponível em: <https://www.fdsm.edu.br/mestrado/arquivos/dissertacoes/2016/18.pdf> Acesso em: 17 jul. 2017.

VAGGIONE, Juan Marco. A religião e a política no tempo dos direitos sexuais e reprodutivos. . In: ROSADO, Maria José. **Gênero, feminismo e religião:** Sobre um campo em constituição. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p.71-74.

VOULA, Elina. Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião. In: ROSADO, Maria José. **Gênero, feminismo e religião:** Sobre um campo em constituição. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 39-49.